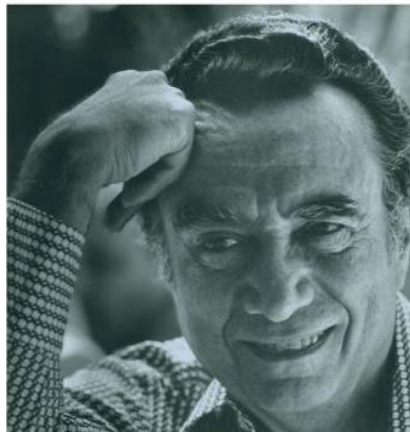




LSPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

Métodos Qualitativos de Investigação

João dos Santos, um caminho diferente na saúde mental



Discente: Leonor Moreira Rato

Nº 21720

Turma 4

3º Ano

Ano letivo 2014/2015

Docente: Professor Doutor Miguel Nunes de Freitas

Conteúdo

Resumo	3
1. Introdução Teórica.....	4
2. Metodologia.....	16
3. Resultados.....	18
4. Discussão.....	18
5. Bibliografia.....	22
6. Siglas João dos Santos.....	25
7. Anexos.....	26
Anexo II.....	27
Anexo III.....	48
Anexo IV.....	49
Anexo V.....	81

Resumo

“Falar ou escrever de João dos Santos não é tarefa difícil para aqueles que com ele conviveram e acompanharam uma vez que João dos Santos era um poço inesgotável de conhecimentos, bem assim como um excelente contador de histórias. Estas tinham sempre um sabor ao seu sentido de vida, revelaram discretamente o prazer com que fazia as coisas e a simplicidade como abordava situações por vezes consideradas complexas “ (Costa, João; 1991).

João dos Santos foi médico, psicanalista, pedagogo, filósofo e artista. Facetas diversas reunidas, numa só pessoa, de forma uníssona e harmoniosa na sua forma de ser, pensar e agir. Consonância interior de que nos dá testemunho, quando afirma que a arte de amar, educar, de curar e de criar são uma e a mesma coisa. (Carvalho e Branco,1999)

Este trabalho não conseguirá senão abarcar uma ínfima parte do todo o seu trabalho e percurso de vida, mas dar sobretudo testemunho, através da visão de Maria Eugénia Carvalho e Branco- umas das pioneiras do estudo da sua vida e obra, bem como grande defensora da ideologia – sobre o seu enorme contributo para a questão da saúde mental em Portugal.

Seriam necessários, muitos dias, muitos anos, muitas folhas e palavras para escrever tudo aquilo que João dos Santos realizou ao longo de toda a sua vida, tendo optado por privilegiar os marcos mais importantes do seu percurso e os aspetos mais relevantes da revolução que o seu trabalho representou na saúde mental infantil portuguesa.

Este trabalho tem, deste modo, como principal objetivo responder à questão de investigação- Afinal de quem se trata? O que de diferente trouxe à saúde mental portuguesa?

1. Introdução Teórica

A saúde mental Infantil em Portugal uma revolução de futuro

- Conceitos básicos da Psicologia Infantil

As doenças mais temidas nos países desenvolvidos, deixaram de ser as tradicionais provocadas por agentes infecciosos, como o Sarampo ou a Tuberculose entre outras, para passarem a ser as doenças relacionadas com os padrões de consumo e estilo de vida, como as doenças cardíacas, o cancro, a obesidade e a anorexia, entre outras.

Esta mudança contribuiu para o desenvolvimento de um modelo ecológico da saúde, de acordo com o qual o resultado da interação entre fatores psicológicos, sociais e fisiológicas, constitui a base da doença e da saúde.

O conceito de saúde, entendida então como um processo global, implicou uma abordagem multidisciplinar do doente e da doença.

A doença é hoje concebida como um resultado de fatores intrínsecos ao indivíduo que podem ser de carácter hereditário ou não e que são potenciados pelo comportamento de cada cidadão.

Desde a década de setenta que tem vindo a crescer mais especificamente nos E.U.A a denominação de psicologia Pediátrica aplicada ao exercício da psicologia nos serviços de saúde infantil, centros saúde materno infantil, serviços de pediatria, hospitais pediátricos, centros de desenvolvimento, etc. (Pires & Pires,1995; Viana & almeida,1991, 1987,Tuma,1982), tal como foi proposto por Wright (1967).

Em 1987,a Executive Comitee of Society Of Pediatric Phychology definiu a psicologia psiquiátrica como “... an interdisciplinary field addressing the full range of physical and mental development, health, and illness issues affecting children, adolescent and families”, conduzindo a uma definição de Psiquiatria Infantil que não deve ser comparada com a da Psiquiatria Geral. (Roberts, La Greca & Harper, 1988)

Contudo, apesar das diversas definições e ideias que têm sido avançadas em prol da defesa de uma Saúde mental infantil, não se deve esquecer é de que a saúde mental

Infantil é uma só, indissociável da Geral, e que o seu principal objetivo deverá ser o desenvolvimento afetivo da Criança.

« Il ne faut Jamais oublier que nos conceptions sur la normalité, l'equilibre, l'evolution normale, etc. sont très influencées par le mode scientifique et par nos propres conceptions personnelles.

Avant de questionner, en nous basant sur ces conceptions qui quelquesfois ne sont que des préjudés scientifiques, il faut que nous sachions dans quele mesure nos idées se choquent avec celles du consultant» [VSDP:1963:231]ⁱ

João dos Santos veio dar à Saúde Mental Infantil em Portugal um cunho de modernidade baseado na promoção, prevenção e terapêutica, ainda hoje aplicada por investigadores, médicos, psicólogos e pelos demais profissionais.

Com efeito, o carácter pioneiro que a caracteriza, inscreve João dos Santos na categoria dos autores fundadores e aos quais é preciso sempre voltar, de forma crítica e criativa, para descobrir novos caminhos que façam sentido num contexto contemporâneo, apostando, tal como João dos Santos apostou, na implementação de uma Saúde Mental com futuro, fundamentada na assistência precocíssima, ante natal e na relação saudável da mãe com o seu bebé (Carvalho e Branco, M.E. 2013).

«O novo modelo sanitário decorrente da assistência materno-infantil consistente em fortalecer uma visão não patológica do médico relativamente ao seu paciente. O conceito primordial de assistência médica passará a significar cuidado com o aperfeiçoamento biopsicológico e socio-económico da colectividade, orientando-se no sentido higiénico, profilático e eugénico, estendendo-se em superfície e profundidade e indo a toda a parte. Os seus princípios basilares serão política da Saúde e não política da doença; prevenir mais do que remediar; não fazer da doença a razão da existência do médico e fazer da doença a razão da existência do médico e fazer coincidir o seu interesse individual (profissional) com o interesse coletivo» [ARBPEE: 1940: Esp.Cf. também, PME:1954:1: Esp.]

Ao longo da sua vida profissional, funda e co-funda diversas instituições, de forma a poder implementar os seus ideais. Convoca pedagogos, médicos, investigadores, sobretudo na área da saúde e da educação, com o intuito de que seja

colocada toda a sua atenção na Criança, quando nasce e ao longo de todo o seu desenvolvimento. Defendendo um investimento rigoroso e científico, construído em cooperação com as diferentes pessoas que fazem parte da vida da criança.

Para melhor refletir e expor o que sempre entendeu ser o seu ofício em saúde mental, João dos Santos dirige-se aos seus colegas e chama a atenção para três aspectos cruciais:

«Primeiro é necessário não esquecer que os doentes se não confundem com os seus sintomas e que uma atitude mais dinâmica os ajuda a curarem-se como seres unitários, totais e em devir permanente» [IEN.HB: s/d.: *Esp.*; CPSP: 1969:9]. Insurge-se não só contra a « improvisação de diagnósticos e terapias sem fundamentação científica, mas também contra uma prática clínica sem compreensão intuitiva e sem empatia. Por outras palavras, reprova linearmente o exercício de uma psicoterapia que tem mais a ver com a avaliação das funções do que com a própria pessoa [cf. Entrevista a João dos Santos, Diário da República, 4.11.1984]

Segundo, apesar de nos fatores genéricos e constitucionais se encontrar o ponto de partida para uma compreensão científica dando talvez a esperança de uma futura resolução experimental, este ponto de partida é de pouca eficácia na prática clínica, porque o homem transporta em si não só as condições do seu nascimento e meio como uma história arcaica, etológica mesmo, que o ultrapassa e influencia. De tal modo, que «se desumaniza quando a sua realidade presente perde o contacto com a realidade arcaica que lhe permitiu o pensar» [IENSRC: 1971: 4; do motivo e da expressão corporal da palavra e do silêncio, da racionalidade e do mito, da realidade e do sonho. [cf.PIDA-IC:1984:3;EOQE: s/d.: 8; SNP:1988:97;EE II:1983:87-88]

Terceiro, conferindo a relação de significado epistemológico, semiológico, terapêutico, João dos Santos lembra a importância de se relacionarem com o doente numa base de empatia, e num corpo afetivo «eco do acordo consigo próprios, de forma a que a técnica que utilizam seja sinceramente e totalmente aceite pela sua personalidade e afetividade, pela sua atitude ideológica, profissional e social, e pela sua inteligência e conhecimento». [PSDP:1956:262]Sem isso, «não poderão fazer corretas e profundas observações e interpretações de dados, nem proporem intervenções terapêuticas ajustadas ».

Para João Dos Santos, toda e qualquer terapia, deverá apoiar-se num investimento conjunto científico, não considerando a criança como um órgão doente, que se despacha com medicamentos. A Saúde Mental deve estar antes vocacionada para uma “Educação e pedagogia da Saúde Mental”.

Neste contexto, pede aos psiquiatras e pedopsiquiatras que criem um ambiente educativo, que tenham intencionalidade pedagógica nas suas intervenções, a qual será condição prévia a qualquer ajuda terapêutica. Considera que a «promoção, prevenção e recuperação da saúde Mental é um dos ramos da medicina social mais prometedora por ajudar os pais- não é a criança que consulta, mas sim os pais – a tomarem a consciência de que, em a educação que começa “no berço”, é difícil (por vezes, quase impossível) dotar a criança de equilibrada e resiliente estruturação egóica que contribuirá não só para o bem-estar e desenvolvimento deste como para a construção de uma sociedade formada por adultos emocionalmente e mentalmente mais saudáveis. [cf. Comunicação de João dos Santos, *Diário de Notícias da Madeira*,14.12.1965]

Biografia de João dos Santos: Uma abordagem Auto-Biográfica e Reflexiva

“João dos Santos ensinou fazendo, pelo exemplo. Por isso, criou discípulos – imensos, todos os que tiveram o privilégio de aprender com a sua presença. De outros mestres, não reza a história”.

António Coimbra de Matos, psicanalista

Os Primeiros Anos

João dos Santos nasceu no dia 15 de setembro de 1913, às nove horas e quarenta minutos, na Rua Álvaro Coutinho nº20, 4ºAndar, mais precisamente no Bairro dos Anjos, em Lisboa. Filho único de Augusto Santos, alfaiate de profissão e trabalhador por conta própria, e de Justina de Jesus.

“Nasci num lugarzinho simpático com um ajardinado e uma pequena igreja no meio-a Igreja dos Anjos. Este enquadramento da minha vinda ao mundo só teve importância quando, um dia, um companheiro de escola me falou do deslumbramento

que era a festa da igreja, no sábado de Aleluia e, mais tarde ainda, quando reinventei, imaginativamente, a minha vida, sobre o divã do meu psicanalista“ (Autobiografia de João dos Santos¹).

Tempos de Escola

“Na minha escola primária pouco mais aprendi e mal, do que a utilizar alguns instrumentos de cultura, a escrita por exemplo. É importante, mas não é tudo. O mundo, das coisas- e a escrita por exemplo. É importante, mas não é tudo. O mundo das coisas- e a escrita é uma coisa-não se movimenta, não se dinamiza, não se torna interessante e belo sem o mundo dinâmico das pessoas. [EE II:224] Finalmente que na escola onde eu andava não havia, não se praticava não se falava sequer em Teatro Infantil. Poderia ter dito a escola onde eu me mexia, gesticulava, falava...,mas não é costume. Mas não é costume, e eu quero que me entendam. Não as escolas não eram para isso, não!” (AutoBiogiografia)²

Começou a ir para a escola primária em 1919/1920, que se situava mesmo em frente à sua casa. João dos Santos sofria de Dislexia, quadro que na altura ainda não tinha sido desenvolvido com profundidade, rótulo que lhe causava um grande sofrimento.

O seu pai tentava proporcionar-lhe uma vida ao ar livre, marcada por passeios, e visitas, conversas com pessoas de vários estratos sociais e profissões, tentando, deste modo, que ultrapassasse as suas dificuldades de leitura e pudesse “ler” o mundo, de uma outra forma, através das pessoas e das coisas.

Inscreeveu-o nesse mesmo ano na classe de ginástica Infantil do Lisboa Ginásio Clube, tentando colmatar as suas dificuldades, patrocinando a sua formação psíquica e social baseada num espírito livre, autêntico e voltado para o futuro.

“ Vivi, desde então, na esperança dum liberdade que o meu pai me ensinou no dia-a-dia do conviver-conversando; no culto da natureza e dos desportos não

¹ Construída pela autora Maria Eugénia Carvalho e Branco a partir de pequenas notas autobiográficas esparsas pela vasta Obra de João dos Santos

² Construída pela autora Maria Eugénia Carvalho e Branco a partir de pequenas notas autobiográficas esparsas pela vasta Obra de João dos Santos

competitivos; dos cursos de esperanto e das conferências, discretamente libertárias, dos esperantistas e naturistas [EE II :1983:2009] ³15.

Por volta de 1924, ingressa no Liceu Gil Vicente.

«Aprendi, primeiro como criança que sente, depois como adulto que vê que os maus resultados nos estudos se têm nas disciplinas dos professores que não gostam de nós, ou nas daquelas de que nós não gostamos. (...)Mestres são os que acreditam no valor da relação humana, no florescer das ideias que são mito, e os que sabem viver na floresta do conhecimento» [EE: II:1983:266-267]

Em 1929, integra-se no recém-criado Instituto Superior de Educação Física, que lhe permite aliar o gosto pelo desporto com o estudo da fisiologia e da psicomotricidade, dado saber, por experiência própria, que o bom desenvolvimento físico e o contacto com a Natureza podem ajudar a criança a resolver muitas das dificuldades escolares.

Em 1931, ingressa na faculdade de Medicina, em Coimbra, tendo o pai de João dos Santos, pedido ao seu amigo Álvaro Viana de Lemos que seja seu tutor enquanto está afastado de casa.

««(Viana de Lemos) foi também para mim o modelo de educador. O ensino de Viana de Lemos ficou coartado pelo encerramento das Escolas de Magistério e pela política de Carneiro Pacheco, ministro de Salazar, que ficou na história da célebre frase: ‘Saber ler, escrever e contar é suficiente para a maioria dos portugueses’. Foi Viana de Lemos que introduziu em Portugal as ideias e Técnicas de Célestin Freinet. Deve-se a Maria Amália Borges de Medeiros a redescoberta da grande aventura pedagógica de Freinet e dos Métodos da escola moderna. O seu campo de ação irradiou a partir da escolinha privada da Rua Maria (1960) para o Centro Hellen Keller e para outras escolas portuguesas e canadiana. O seu trabalho em Portugal foi importante não só pela sua ação direta, como pelo facto de deixar discípulos.»» [ACU: 1982: 20-21. Cf. Também, AL: s/d.:7: Esp.]

³ 15 EE II: 209, Antologia, p.12.

No ano de 1933, João dos Santos retoma o curso de Medicina na Universidade de Lisboa. Durante o estágio hospitalar, tem a sorte de ter como Professor o Doutor Pulido Valente, que contribui, de forma determinante, para que se incline para as especialidades de Pediatria e Puericultura, que lhe permitem estudar, de um modo mais particular, o desenvolvimento a criança. Recordo que, Francisco Pulido Valente foi na sua época um notável médico e professor da Faculdade de Medicina de Lisboa. Foi assistente de Psiquiatria e especializou-se no estudo de doenças nervosas e Clínica geral, sendo autor de vários e valiosos trabalhos de investigação como a *Introdução ao Estudo da Histeria; A Etiologia e a Patologia da Paralisia Geral; Um caso de Actinomicose; Estudo Clínico e Experimental; Sobre Vinte e um Casos de Encefalite Letárgica*.

Apesar do interesse de João dos Santos pela psicanálise ter sido despontado na sua juventude por curiosidade eclética, é sobretudo o hábito, sempre cultivado, de se conhecer a si mesmo e de procurar vencer, através da memória e da reflexão, as suas dificuldades interiores e escolares, que o levam a iniciar o estudo da psiquiatria e da neurologia.

Integra, simultaneamente, em 1936, o primeiro grupo de licenciados no curso de Educação Física, que lhe permite cumprir a primeira ideia que acalenta desde a adolescência: ser Professor.

Começa a trabalhar como professor numa escola privada de ensino primário e leciona cursos de incentivo ao desporto nos bairros populares, no âmbito do movimento lançado pelo Jornal *Os Sports*, cujo o fim era beneficiar as crianças economicamente mais desfavorecidas.

Em 1941 casa-se com a colega médica, Hermínia Grijó.

A vida Profissional

Em 1939, termina o curso de medicina e inicia o seu estágio hospitalar.

Especializa-se em neurologia e psiquiatria de adultos e crianças, com mestres de como, Egas Moniz, Sobral Cid, Barahona Fernandes, Mário Corino Andrade, entre outros.

Em 1942, morre o seu pai e com algum dinheiro que herda funda com mais dois amigos, Júlio Vidal e António Taborda Duarte, uma editora -O Centro Biográfico.

Entre 1940-45, João dos Santos é assistente do Instituto António Aurélio da Costa Ferreira onde trabalha sob a direção do Professor Vítor Fontes. Faz a sua especialização em psiquiatria geral, primeiro no Hospital Miguel Bombarda e depois no Hospital Júlio de Matos, sob a orientação do Professor Barahona Fernandes.

Testemunho de Barahona Fernandes:

«« Conheci João dos Santos como jovem médico que iniciava, em 1941, a sua época de preparação em psiquiatria geral na Clínica Universitária, que , na época, funcionava no Manicómio Bombarda, e , depois de 1942, no Hospital Júlio de Matos. Fez a sua preparação médica nos serviços da faculdade e também nos hospitais civis de Lisboa, já, então ênfase particular, na, pediatria. Desde 1942 trabalhava ao mesmo tempo no Instituto Aurélio da Costa Ferreira, sob a direção de Vítor Fontes, o inovador da médico- psicologia e psiquiatria das crianças em Portugal»» [A. Barahona Fernandes, « João dos Santos Médico e Pedagogo”. Saúde Mental. Número Especial de Homenagem ao Dr. João dos Santos, Dez.(1984):19].

Em 1941, João dos Santos começa a aplicar um método de pesquisa de tratamento de distúrbios psicológicos da criança, que consistia no seguinte: interrogar os pais dessas crianças, através de questionários rigorosamente pré determinados, e procedendo, depois, ao exame somático, neurológico e psicológico da criança. João dos Santos, apercebe-se desde cedo que estes procedimentos até então utilizados não incluíam o verdadeiro problema relacional da criança, uma vez que não implicava os seus pais nos sintomas que ela apresentava.

A 8 de Outubro de 1945, participa na famosa reunião “Os 300 do Benfoso”, do Movimento de Unidade Democrática (MUD), que se realizou no Centro Escolar Republicano Almirante Reis. Este movimento político destinava-se a reorganizar a oposição, preparando-a para as eleições e a proporcionar um debate público em torno da questão eleitoral, tendo conseguido, em pouco tempo, suscitar uma grande adesão popular (principalmente entre intelectuais e profissionais liberais), tornando-se, no entanto, numa ameaça para o regime, facto que levou Salazar a ilegalizá-lo em 1948.

As suas convicções políticas influenciam a sua vida profissional, tendo por despacho do Secretário de Estado sido demitido do seu cargo de médico de 1º assistente.

«« (...)Fui educado na Liberdade por um pai que se bateu pela República (...) Foi um modelo de assombro de ideias e de abertura para a vida moderna, um companheiro de lutas desportivas e ideológicas.»» [ACU:1982:11].

Em 1946 termina as suas especialidades de psiquiatria e neurologia, já com a convicção de que quando se estuda e pratica psiquiatria de adultos, deverá partir-se da análise da criança.

Ainda antes do Natal de 1946, João dos Santos, parte para o exílio em Paris com os dois filhos, José Augusto e Maria Paula.

No exílio entre 1946 e 1950, João dos Santos procura aprofundar os conhecimentos adquiridos em Portugal em matéria de análise didática com mestres como Ajuriaguerra, Henri Wallon, Sacha Nacht, Michel Cénac, René Diatkine, Jean Delay, Georges Heuyer e Lacan, tendo sido aceite como psicanalista na Associação Internacional de psicanálise (IPA), fundada em Paris.

Em Paris, sente-se como “ um neto” de Freud, porque o seu analista fora analisado por um analisando de Freud. A sua ligação ao mestre de Viena é igualmente reforçada pelo convívio em Paris com a princesa Maria Bonaparte, de quem recebe o certificado de psicanalista.

“ Também do ponto de vista analítico João dos Santos tivera uma sólida preparação. Admitido em 1947 pela Comissão de Ensino da sociedade Psicanalítica de Paris teve relações específicas de tal aprendizagem ... Como cumpre a um psiquiatra consciencioso, apesar da avassaladora absorção pela psicanalise, não abandonou por completo também em França, a sua preparação em psiquiatria Geral com Ajuria Guerra, H.Ey, J. Delay e Giraud. Fez ainda outros cursos, como psicofisiologia na Sourbonne, Biopsicologia da criança com Wallon, Psiquiatria Infantil (iniciada com Victor fontes) com Heuyer, Lebovici, etc.”[A. BARAHONA FERNANDES, « João dos Santos Médico e Pedagogo» *Saúde Mental*. Número especial, Dez.,1984,p.21.

João dos Santos foi pioneiro da análise didática de pessoal ⁴ e o primeiro psicanalista em Portugal a formar outros psicanalistas. Esta faceta é salientada por Barahona Fernandes e pelo Psicanalista Francisco Alvim:

Tu eras nessa altura a única pessoa que tinha, seguido uma psicanálise didática no nosso país [F.ALVIM, «carta aberta a João dos Santos do seu amigo Xico Alvim na ocasião do seu 70º Aniversário» Saúde Mental. Número especial de Homenagem ao Dr. João dos Santos, Dez., 1984, p.35]

Em 1950, de volta a Portugal, João dos Santos depara-se com o isolamento em termos doutrinários e a falta de pessoal especializado, nomeadamente de psiquiatras especialmente dedicados ao tratamento de crianças e com a total ausência de psicoterapeutas. Estas circunstâncias levaram-no a preparar ele mesmo os seus colaboradores e a tentar encontrar os meios mais económicos e avançados do que aqueles com quem trabalhara antes de ir para Paris.

Os assuntos relacionados com a educação, permaneceram na sua agenda tendo reunido com um grupo de intelectuais na Seara Nova, que projetava uma “Reforma do Ensino”, tendo sido orador em diversas palestras e seminários dirigidos a médicos, pedagogos, educadores e pais.

Em 1954, inicia no Colégio Eduardo Claparède – um pequeno colégio particular frequentado por crianças com dificuldades de aprendizagem – um ensaio de várias metodologias de didáticas especiais. Introduce uma atuação de grupo, fomentando a atitude terapêutica de professores e pais, através da realização regular de Seminários Psicopedagógicos que ele próprio orientava e que serviram para atrair outras pessoas e tornaram-se local de encontro, para discussão de temas ligados ao ensino e à aprendizagem.

Em Junho de 1952, é eleito Membro Associado Estrangeiro da Société Médico-Psychologique de Neuilly-Sur-Marne e em Outubro, Membro Titular da Associação de Psicologia Científica de Língua Francesa.

Nesse mesmo ano cria com a enfermeira Rosélia Ramos, uma secção de Higiene Mental no Centro de Assistência Materno-Infantil de Campo de Ourique, e em 1953

⁴ Pela mesma altura, Pedro Luzes fez a sua análise em Genebra e Eduardo Cortesão fez a sua análise em Londres.

cria os dois primeiros centros Psicopedagógicos portugueses, um na Voz do Operário e outro no Colégio Moderno. Entre 1954 e 1958 leciona como professor em Psicologia Infantil nas Escolas das Jardineiras dos Jardins-Escolas João de Deus.

Em Fevereiro de 1954, João dos Santos é admitido no Grémio da Sociedade Portuguesa das Ciências Médicas de Lisboa e no ano seguinte, em Maio, é readmitido no Hospital Júlio de Matos, onde passa a dirigir a Secção Infantil que organizara antes do exílio em Paris.

Com Henrique Moutinho, Rosa Benfeito, Maria Amália Borges, Célia Menano, Maria Luísa Torres Pires e Isabel Pereira, cria o centro de Recuperação Visual e Classes Amblíopes.

Em 1956, juntamente com Henrique Moutinho, ingressa na Liga de Profilaxia da Cegueira e cria o Centro Infantil Helen Keller, no qual Henrique Moutinho passa a diretor.

A introdução pela mão de João dos Santos e Maria Amália Borges de métodos pedagógicos inéditos em Portugal que previam o envolvimento de pais, professores, técnicos, amblíopes e visuais, bem como da própria criança na sua recuperação, foram fundamentais na inovação do ensino dos cegos e uma experiência inédita no Mundo.

Em 1965, cria o Centro de Saúde Mental Infantil de Lisboa (CSMIL), onde exerce o cargo de diretor até 1982, tendo formado inúmeros técnicos de saúde mental infantil, que ainda hoje são um quadro de referência na área.

Em 1968, é encarregado do Curso de Saúde Mental na Escola Nacional de Saúde Pública. Ministra-o até 1973. Em 1971, funda a Liga Portuguesa contra a Epilepsia, tendo sido distinguido juntamente com Natália Caldas com o Prémio Sandoz de Psiquiatria.

A 24 de Fevereiro de 1973, funda, juntamente com Francisco Alvim e Pedro Luzes, a Sociedade Portuguesa de Psicanálise.

Em 1975, cria com um pequeno grupo de discípulos, um novo serviço, o Centro de saúde Mental Infantil - Casa da Praia- Externato de Pedagogia Terapêutica. Aqui trabalhará até a sua morte.

Sobre a evolução desta última fundação de João dos Santos, escreve Eulália Barros:

«Entre 1975 e 1982 (João Dos Santos) acumula o trabalho de Diretor do CSMIL com a direção, formação e orientação do projeto da Casa da Praia. Em 1982, é aposentado das funções de diretor do CSMIL, tendo já ultrapassado o limite da idade

Entre 1982 e 1987 dedica-se quase exclusivamente ao projeto da Casa da Praia, em regime voluntário, a par de intervenções em realizações científicas.

Na sequência da sua aposentação, chama Teresa Ferreira, pedopsiquiatria e sua discípula, chefe de equipa do CSMIL, para dirigir oficialmente a Casa da Praia, mantendo-se ativamente a seu lado, até sua morte, em 1987. (...).

(...) na sequência da morte de João dos Santos, esboça-se um movimento que vai criar a partir da Casa da Praia uma Associação privada com o objetivo de levar por diante a difusão das suas ideias. Esta iniciativa congregou colegas, discípulos, técnicos de Saúde e educação com a marcada ligação à figura e afinidade com a Filosofia.

A 6 de Novembro de 1989, por escrita notorial, é criado o Centro de Pedagogia Terapêutica - Casa Da Praia, mais tarde denominado como Centro de Estudos Doutor João dos Santos- Casa Da Praia.

“Do angulo histórico, é justo que se afirme que foi João dos Santos (e a seguir Eduardo Cortesão com a grupo análise) o introdutor em Portugal da linha Psicanalítica – não mais superficialmente literárias mas de forma rigorosa e sistémica. Foi o primeiro a fazer análises letivas a jovens médicos, psicólogos e assistentes sociais, com êxito conhecido. [A. Barahona Fernandes, «« João dos Santos Médico e Pedagogo, Saúde Mental. Número Especial de Homenagem ao Dr. João dos Santos, Dez. (1984): 20-21].

“A saúde mental é o meu ofício. (...) Como psiquiatra, sempre procurei conhecer o homem normal para compreender o homem doente. Como psicólogo uma grande parte desenvolveu-se no laboratório de Wallon, em paris o que significa que me formei numa escola de psicologia genética, ou seja, naquela que procura idades mais precoces a explicação de fenómenos psicológicos. Foi ainda com Wallon que iniciei na sociologia e na microssociologia e psicologia de grupo.” (Auto-Biografia).

2. Metodologia

2.1) *Participantes*

A amostra deste estudo- **João dos Santos, Afinal de quem se trata? O que de diferente trouxe à saúde mental portuguesa?**- é constituída por apenas um participante do sexo feminino, Maria Eugénia Carvalho e Branco, de 74 anos, natural de Lisboa.

A Maria Eugénia Carvalho e Branco é formada em Teologia, Filosofia e ainda mestre em Educação, e foi escolhida para colaborar como entrevistada neste trabalho, dada a sua visão e o seu notável trabalho no que se refere ao estudo da vida e obra de João dos Santos.

O facto de ter o privilégio de a conhecer pessoalmente, tornou imprescindível para mim a sua participação num trabalho sobre João dos Santos, bem como a partilha do seu notável testemunho.

O método de amostragem utilizado foi o da não-probabilística intencional.

2.2) *Instrumentos*

O instrumento utilizado foi a entrevista em profundidade, semi-estruturada, sendo um dos principais métodos de recolha de dados da investigação qualitativa. Foram assim seguidas as orientações base para a realização deste tipo de “conversas com objectivo” (Webb and Webb, 1932: 130), como processo fundamental para um maior conhecimento sobre o mundo social, construído numa interacção humana normal.

Na realidade apesar de parecer uma conversa normal, existem algumas diferenças que não podemos deixar de ter em conta, os seus objectivos e o facto dos papéis do pesquisador e do participante serem diferentes. O entrevistador/ pesquisador deve ser facilitador ou activo, gerindo o processo da entrevista sem influenciar a perspectiva do entrevistado ajudando-o a perceber o seu papel no processo da entrevista. O entrevistado deve dar respostas completas e aprofundar sobre as suas respostas.

Outra das características desta entrevista é a sua capacidade para alcançar a profundidade através da exploração de sentimentos, opiniões e razões no decorrer da entrevista.

Foi posteriormente elaborado um guião de tópicos-chave como base para uma combinação de estrutura com flexibilidade (apresentado em anexo), sobre as suas informações pessoais; o seu interesse pelo estudo de João dos Santos; a vida e obra de João dos Santos; a revolução na saúde mental infantil; e por fim as suas conclusões/visão de futuro.

2.3) Procedimento

Foi contactada a Doutora Maria Eugénia para marcar uma entrevista, de acordo com a sua disponibilidade, para que fosse encontrado um dia adequado.

Antes, foi-lhe explicado o tipo de investigação pretendida e que a forma como seriam captados os dados (gravação e posterior transcrição). Foi igualmente explicitado o guião de tópicos chave no quadro do qual seria conduzida a entrevista, de forma a garantir o seu consentimento informado, e a alcançar uma análise em profundidade do tema, pretendida por este tipo de método qualitativo.

A entrevista foi realizada no dia 7 de Dezembro de 2014, pelas 18h da tarde, em casa de um sobrinho para que se sentisse num ambiente acolhedor e descontraído.

Foi optado que a entrevistadora que se sentasse frente a frente com a entrevistada, para que a interação fosse “cara- a- cara”, de modo a garantir uma interação geradora de dados, captados de forma natural, com o propósito de compreender o significado da linguagem do entrevistado. Tendo sido cumpridos todos os parâmetros pré-estabelecidos no guião.

Importa ainda salientar que o entrevistador manteve um comportamento, ao longo da entrevista, de escuta ativa e atenção face à entrevista e de exploração de reações e respostas, assegurando uma combinação entre a estrutura e flexibilidade, que devem resultar de uma entrevista em profundidade.

A entrevista teve a duração de aproximadamente uma hora e meia, tendo sido efetuada num clima profissional e ao mesmo tempo de conforto, para que o trabalho fosse feito com a maior veracidade possível.

Após terminar a entrevista ainda estivemos a conversar um pouco sobre o tema, para troca de informação.

3. Resultados

A aplicação da análise qualitativa permitiu através das matrizes temáticas (presentes em anexo) realçar a importância da multidisciplinariedade e o facto de a Filosofia constituir a base das ciências sociais; a centralidade para o estudo da mente do desenvolvimento da criança e da sua relação com a Mãe; e o grande fascínio e inovação que as teses de João dos Santos introduziram na Saúde mental integrada e que tornam este autor no Fundador da Psiquiatria Infantil Moderna.

4. Discussão

O presente trabalho tem como objetivo mostrar o importante papel de João dos Santos na revolução da saúde mental em Portugal.

Este não é contudo um trabalho fechado, devendo a análise da sua obra continuar a servir de base e inspiração a todos que trabalham nesta área, como salienta Maria Eugénia Carvalho e Branco na sua entrevista.

Entre os anos 70 e os anos 90 houve um retrocesso nas ideias de João dos Santos com a integração dos centros de Saúde mental num só “ Departamento de Pedopsiquiatria” no Hospital Dona Estefânia. Na opinião de João dos Santos deveria existir uma cultura de proximidade no domínio da saúde mental, mediante equipas de pedopsiquiatria sediadas nos diversos hospitais pediátricos, mas também nos centros de saúde mais próximos da comunidade e com autonomia.

Verifica-se hoje um reforço da integração da Saúde Mental/Saúde Pública; das vertentes saúde geral/ mental; da Educação e da Escola; de implementação de políticas de proteção materno-infantil, que envolvam toda a comunidade numa obrigação prioritária de defesa da criança, bem como uma maior orientação para uma prevenção precoce de toda e qualquer perturbação — orgânica, emocional, mental — que possa conduzir à deficiência. Há uma orientação no sentido da reeducação, reabilitação das crianças deficientes, bem como da sua integração e proteção da sua família. As ideias de João dos Santos permanecem, assim, atualíssimas.

Este defendia que só existirá futuro e desenvolvimento na saúde mental em Portugal, quando todos os técnicos, como médicos, pedopsiquiatras, mães, pais, professores considerarem que é a criança que está no seu centro do pensamento, *criança* que, segundo “gosta de lembrar, *é criativa por excelência por se estar a criar*, e porque

ninguém melhor que ela se compara aos poetas e aos génios... Que a nossa saúde mental está em nunca termos perdido a criança que habita dentro de nós.” (Carvalho e Branco, M.E. 2014 -Entrevista)

“Só no trabalho conjunto entre educadores, professores, técnicos de saúde mental, incluindo, psicanalistas, juristas e demais profissões que, nas suas competências próprias, lancem luz sobre a compreensão e ajuda à problemática do desenvolvimento infantil — é possível a todos cumprirem a essência dos seus ofícios, essência que João dos Santos expressa na *arte de amar, de ensinar e de curar* quanto possa ser causa de sofrimento quer na criança quer no adulto.”

No centro do pensamento, da doutrina e da prática clínica e psicopedagógica de João dos Santos encontra-se a chamada de atenção para a urgência inadiável de, em qualquer época e contexto, se velar pela qualidade da relação precoce mãe-bebé, porque dessa relação depende o futuro da criança e, portanto, o futuro do Homem. Este seu paradigma científico de conectividade, constitui “um sólido alicerce para pensar e desenvolver, com cada vez mais eficácia e profundidade a Saúde Mental e a Educação da criança, do adolescente e do adulto.

É na ênfase posta na importância fundamental da infância para o futuro da saúde mental do ser humano que ganha significado a afirmação santiana que foi escolhida pelos seus discípulos, colegas e amigos, para ficar gravada na pedra do Busto erguido em sua homenagem, no Jardim das Amoreiras, em Lisboa: «Cada Homem guarda um segredo. O Segredo do Homem é a própria Infância».

O Plano Nacional de Saúde Mental (PNSM) adotado em 2007/2016 que se encontra aprovado em Resolução de Conselho de Ministros em Abril de 2008, retoma a importância da multidisciplinariedade e centralidade da criança. Desde então e até Março de 2011 foram criadas 10 novas estruturas de Psiquiatria da Infância e da Adolescência em Centros Hospitalares e Hospitais Distritais. Foram também inaugurados novos Centros Hospitalares, como Entidades Públicas Empresariais (E.P.E.). O Decreto de Lei, n.º 8/2010, de 28 de Janeiro, definiu a última vertente estrutural do Plano Nacional de Saúde Mental de 2007 a 2016, aprovado pela Resolução do Conselho de Ministros n.º 49/2008, de 6 de Março, e simultaneamente alargou a rede nacional de cuidados continuados integrados (RNCCI), veio permitir que a RNCCI se estendesse a crianças com problemas de saúde mental, com o apoio da segurança social, a existência de equipas de apoio domiciliário, de unidades sócio-ocupacionais e de unidades

residenciais, tal como a criação de estruturas reabilitativas psicossociais que respondam aos vários graus de incapacidade e dependência por doença mental grave.

Estudos publicados pelo Ministério da Saúde, reconhecem que a Psiquiatria da Infância e da Adolescência é uma especialidade médica que assegura a prestação de cuidados e intervenções diferenciadas na área à população de idade pediátrica (dos zero aos 18 anos) que abrange um campo de intervenção alargado de atividades que englobam: ações de promoção e prevenção universal e seletiva, com o objetivo de reduzir fatores de risco/ vulnerabilidade e aumentar fatores de proteção; - Estratégias de prevenção e intervenção precoces, para casos com os primeiros sinais de perturbação; - Avaliação diagnóstica e tratamento, para aqueles que apresentam já uma perturbação definida; - Programas de cuidados continuados e reabilitação psicossocial, para situações com sequelas em resultado de uma perturbação (Marques, C., Torrado, M., Natário, A. & Proença, M.J. (2012).

A atividade do Psiquiatra da Infância e Adolescência envolve assim a promoção da saúde mental, a avaliação, diagnóstico e definição de estratégias terapêuticas para situações de perturbação mental e também a intervenção preventiva em grupos de risco. Este trabalho desenvolve-se em articulação com especialidades médicas e não médicas, como as restantes especialidades da idade pediátrica, a medicina familiar, a psiquiatria e a psicologia, entre outras, tal como João dos Santos defendia.

O Psiquiatra da Infância e Adolescência está habitualmente integrado e coordena uma equipa multidisciplinar, que trabalha em articulação com os Cuidados de Saúde Primários e outras estruturas da comunidade, nomeadamente serviços sociais, escolas e jardim-de-infância, Equipas de Intervenção Precoce da Infância, projetos de intervenção psicossocial, Comissões de Proteção de Crianças e Jovens e Tribunais (Marques, C., Torrado, M., Natário, A. & Proença, M.J. (2012).

Um exemplo de trabalho em equipas multidisciplinares inovador é a experiência piloto desenvolvida pela Administração Regional de Saúde do Algarve em articulação com o Hospital Pediátrico Dona Estefânia que conta desde 2001, com equipas constituídas por psicólogos, médicos de família, enfermeiros, assistentes sociais e terapeutas, que desenvolvem um trabalho de apoio nos centros de saúde algarvios na área da saúde mental infantil. (Administração Regional de Saúde do Algarve, IP, 2007).

Estes Grupos de Apoio à Saúde Mental Infantil receberam dois prémios de boas práticas e foram apontados como exemplo a expandir em todo o país. (Administração Regional de Saúde do Algarve, IP, 2007).

Num contexto de restrições orçamentais e financeiras, a aposta deverá assentar na prevenção precoce e na busca de soluções inovadoras que permitam com os escassos recursos financeiros e humanos existentes, assegurar uma adequada proteção da saúde e desenvolvimento mental infantil.

Pontos fortes

Não poderia deixar de salientar, como ponto forte deste trabalho o facto de ter uma discípula de João dos Santos como entrevistada neste trabalho, alguém que tem dedicado a sua vida a estudar a obra João dos Santos. As muitas histórias que sabe, os relatos de vida que escutou na primeira pessoa, um espólio que apenas a Maria Eugénia foi dada autorização para consultar quando realizou o seu doutoramento, até lá fechado a todas as pessoas na Biblioteca Nacional. O prazer que foi entrevistar Maria Eugénia e ficar envolvida pelo seu entusiasmo pela obra de João dos Santos, pelas suas teses, pela graça da sua escrita, numa espécie aula muito particular.

Refira-se que a filha de João dos Santos irá em breve publicar esse mesmo espólio para que todos o possam consultar.

Limitações e ainda algumas sugestões para investigações seguintes:

Consideraria como limitações, o facto de ter sido difícil cumprir o tempo estipulado pelo professor, dada a idade, entusiasmo e vastos conhecimentos da entrevistada, bem como a complexidade na aplicação de matrizes temáticas a um só tema particular (Vida e Obra de João dos Santos) e um só interlocutor.

Aconselha-se vivamente o estudo da vida e obra de João dos Santos. Por detrás do seu discurso está um grande ensinamento de que a Prevenção da saúde tem de ter como base a Criança, e de que é na recuperação e melhoramento de todas as dificuldades alicerces à doença mental, bem como na constituição de equipas multidisciplinares compostas por todos os membros que contribuem para a sua vida, que se poderá garantir um melhor desenvolvimento da criança.

5. Bibliografia

Administração Regional de Saúde do Algarve, IP. (2007). Algarve desenvolve experiência inovadora na área da saúde mental infantil em articulação com o Hospital Dona Estefânia.[em linha].*Ministério da Saúde Web site*. Acedido Fevereiro 3, 2015, em <http://www.min-saude.pt/portal/conteudos/a+saude+em+portugal/noticias/arquivo/2007/9/saude+mental+infantil.htm>.

Administração Regional de Saúde do Algarve, IP. (n. d.). Grupos de Apoio a Saúde Mental Infantil (GASMI) [em linha]. *Administração Regional de Saúde do Algarve-Ministério da Saúde (ARS Algarve) Web site*. Acedido Fevereiro 3, 2015, em <http://www.arsalgarve.min-saude.pt/portal/?q=node/3661>.

Almeida, J. P., & Viana, V. (1990). O desenvolvimento psicológico da criança com doença crónica. In I. Botelho, J. Almeida, M. Geada, & J. Justo (Eds.), *A Psicologia nos Serviços de Saúde* (pp. 75-85). Lisboa: Apport.

Alvim, F. (1984). Carta aberta a João dos Santos do seu amigo Xico Alvim na ocasião do seu 70º aniversário. *Saúde Mental, Num Esp*, 33-38.

Barros, E. (1999). *Andar na escola com João dos Santos: Pedagogia terapêutica*. (2ª ed.). Lisboa: Caminho.

Carvalho e Branco, M.E. (2002). *Vida Pensamento e Obra de João dos Santos*. Lisboa: Livros Horizonte.

Carvalho e Branco, M.E. (2013). *Vida Pensamento e Obra de João dos Santos*. (2ª ed. rev.). Lisboa: Coisas de Ler.

Carvalho e Branco, M.E. (2013). *Saúde Mental infantil em Portugal Uma Revolução de Futuro*. Lisboa: Coisas de Ler.

Costa, J. (1995). Do meu diálogo com João dos Santos... Ao meu olhar para a reabilitação. *Revista Portuguesa de Pedopsiquiatria*, 9, 29-31.

Costa, J. (1991) Mestre que marcou muitos mestres, João dos Santos. *Cadernos De Educação de Infância*, 17, 32-33.

Fernandes, B. (1984). João dos Santos médico e pedagogo. *Saúde Mental, Num Esp*, 19-26.

Gomes, C. (2014, Março 18). Crianças com problemas de saúde mental sem acompanhamento. *Público*. Acedido Fevereiro 3, 2015, em <http://www.publico.pt/sociedade/noticia/criancas-com-problemas-de-saude-mental-sem-acompanhamento-1628332>.

Marques, C., Torrado, M., Natário, A. & Proença, M.J. (2012). Rede de Referenciação Hospitalar de Psiquiatria da Infância e da Adolescência [em linha]. *Programa Nacional para a saúde Mental Web site*. Acedido a fevereiro 3, 2015, em <http://www.saudemental.pt/wp-content/uploads/2012/01/Documento-t%C3%A9cnico-de-suporte-%C3%A0-Rede.pdf>.

Hoyt, K. B. (1988). The changing workforce: A review of projections from 1986 to 2000. *The Career Development Quarterly*, 37, 31-38

Coimbra de Matos, A. (2003). Centro de Estudos João dos Santos. In *António Coimbra de Matos: Escritos - artigos publicados em diversas revistas, 1985-1994* (pp.121-124). Porto: Bial.

Pires, A., & Pires, A. P. (1995). Psicologia Pediátrica. *Análise Psicológica*, 13, 123-130.

Portaria nº 149/2011 de 8 de Abril. Diário da República nº 70 - I Série. Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social e da Saúde.

Roberts, M. (1994). Prevention/promotion in America: Still spitting on the sidewalk. *Journal of Pediatric Psychology*, 19, 267-281.

Tuma, J. (1982). Pediatric Psychology: Conceptualization and definition. *Handbook for the Practice of Pediatric Psychology* (pp. 1-27). New York: Wiley & Sons

Viana, V., & Almeida, J. P. (1991). Psicologia pediátrica no Hospital S. João: Análise retrospectiva. In I. Botelho, J. Almeida, M. Geada, & J. Justo (Eds.), *A Psicologia nos Serviços de Saúde* (pp. 69-73). Lisboa: Apport.

Wright, L. (1967). The pediatric psychologist: A role model. *American Psychologist*, 22, 323-325.

Viana, V., & Almeida, J. P. (1991). Psicologia pediátrica no Hospital S. João: Análise retrospectiva. In I. Botelho, J. Almeida, M. Geada, & J. Justo (Eds.), *A Psicologia nos Serviços de Saúde* (pp. 69-73). Lisboa: Apport.

Livros Publicados de João dos Santos:

Santos, J. (1982). *A caminho da Utopia. Um instituto da Criança*. Lisboa: Ed. Livros Horizonte. [ACU]

Santos, J. (1982). *Ensaio sobre a educação-I. A criança Quem É?* Lisboa: Ed. Livros Horizonte. [EE I]

Santos, J. (1983). *Ensaio sobre a educação II-O Falar das Letras*. Lisboa: Ed. Livros Horizonte. [EE II]

ⁱⁱⁱ6. *Siglas de João dos Santos por ordem cronológica*

ARBPEE (1940) «Apontamentos para um Relatório a servir de base a um programa de Estudos no Estrangeiro» [*Esp*¹].

PSDP (1956) «Parto sem Dor e Psicoterapia».

VSDP (1963) «La Valeur du Symptôme dans le Domaine Préventif».

CPSP (1969) «A Contribuição da Psicanálise para a Saúde Pública».

IENSRC (1971) «Introdução ao Estudo das Neuroses e Sintomas Reactivos da Criança».

ACU (1982) *A Caminho de Uma Utopia... Um Instituto da Criança*.

EE II (1983) Ensaio sobre a Educação-II. O falar das letras.

IEN.HB (s/d.) «Introdução ao estudo das Neuroses. Homenagem a Barahona».

⁵Nos estudos que realizou sobre o Pensamento e a Obra de João dos Santos Maria Eugénia Carvalho e Branco, sobretudo na sua tese de doutoramento publicada em 2010 (1ª e 2ª edição), com o título *João dos Santos: Saúde Mental e Educação*, a autora converteu em siglas todos os textos, publicados, manuscritos, e policopiados, que se encontravam no Espólio de João dos Santos, depositado na Biblioteca Nacional em Lisboa. A sigla [*Esp*] que aparece citada ao longo desse estudo, refere-se a textos inéditos, alguns manuscritos sem título e sem data. E converteu em Siglas todos os textos da obra de João dos Santos, publicados em revistas nacionais e estrangeiras, ou apenas textos manuscritos ou policopiados que ainda se não encontram a consulta pública.

7. Anexos

Anexo I-Guião

1.Dados Pessoais

- Interesses
- Escolaridade

2.Estudo do João dos santos:

- Quando surgiu este seu interesse
- Aspetos mais salientes

3.Vida e Obra de João dos Santos

- O seu percurso
- Marcos importantes

4.Revolução da saúde mental infantil em Portugal:

- Bases
- Fundamentos em que se distingue de outros
- Conclusões

5.Reflexão:

- Conclusão

Anexo II. Entrevista sobre João dos Santos

Entrevistadora: Leonor Moreira Rato

Entrevistada: Maria Eugénia Carvalho e Branco

Tempo de Duração: 1:28 minutos

Data de Realização: 7.12.2014

Hora de Realização: 18:32

1ª Pergunta: Esta Entrevista tem como objetivo responder a questão de quem se trata João dos Santos E o que trouxe de diferente de entre todos os outros? Inicialmente pedia-lhe que falasse um pouco sobre si.

Resposta: Sobre mim? Não. Não gosto muito de falar sobre mim, de acordo com o que me está a perguntar, vou dizer o seguinte. Desde muito cedo me interessei de um modo muito particular pelo estudo da filosofia, desde a infância, muito pequenina desde os nove anos, ainda me lembro da idade. O que queres ser? Quero estudar filosofia. E faziam muito pouco de mim, e eu calei-me, nunca mais disse nada. Quando em 1972 entrei na Faculdade de Filosofia, era tal e qual o que tinha pensado desde os nove anos. Estudava teologia como uma pessoa grande, pois havia muitos livros desses lá em casa do meu pai desde os meus 14 anos. Desde muito cedo interessei-me pelo estudo da filosofia e da Teologia. Foi sempre uma paixão da minha infância. Normalmente o público desconhece, mesmo os estudiosos, que o estudo da Filosofia e da Teologia estiveram ligados desde o grande período áureo da filosofia até ao século XIX. Filosofia, Teologia, Matemática, Física eram disciplinas que integravam o estudo de todo e qualquer filósofo, aliás isto vinha já da Academia de Platão, em que tem escrito no templo, na escola de Platão, “aqui não entra quem não souber Matemática”. Hoje em dia, de facto, os cursos de Filosofia muitas vezes são muito débeis, porque as pessoas não estudam a Filosofia sobre o nada, não estudam a Filosofia da Ciência, a Sociologia da Educação. A Filosofia é uma disciplina muito importante que é a disciplina dos fundamentos, é uma reflexão a partir de qualquer coisa, não a partir do nada, de conceitos vazios. A Filosofia decaiu bastante, infelizmente, porque deixou de ser a luz de articulação. Em que aliás Platão preconizava um grande programa de estudos, que começava pela gramática, depois pela dialética e só aos 40 anos (penso que este livro

conta no Livro A República num dos 1º livros), em realiza um programa sobre as propedêuticas em que se estaria apto e maduro para se estudar filosofia. A Filosofia tinha um interesse, aliás as duas grandes disciplinas eram a Filosofia e a Teologia, eram importantes em todos os conhecimentos que da época se tinham, físicos, psicológicos, da teologia. Vou repetir normalmente o público desconhece, mesmo os estudiosos, que o estudo da Filosofia e da Teologia estiveram ligados desde o grande período áureo da Filosofia até ao século XIX.

Neste período tão alargado, os grandes filósofos eram também matemáticos, físicos, a Biologia do Tempo e Teólogos. Para dar um exemplo e sem falar da Filosofia medieval que estudava Teologia, São Tomás, Santo Agostinho etc. e da Filosofia racionalista de Descartes, Leibniz, Malebranche grande teólogo, Espinoza grande teólogo etc., o grande expoente do idealismo alemão que é Friedrich Hegel, que nasceu em 1770 e morre em 1831, recebeu unicamente uma formação no seminário *Tübinger Stift* e foi no seminário da Igreja Protestante em Württemberg, Ele só teve uma formação, ele e muitos outros grandes expoentes só tiveram uma grande formação de base que era formação teológica propedêutica, a Filosofia. Quando entrei na Faculdade de Filosofia, a psicologia integrava este curso. Ainda não existia um estudo de psicologia independente. Portanto, os psicólogos do país eram filósofos, durante os cinquenta anos de professora sempre lecionei Filosofia e Psicologia

2ª Pergunta: Desde pequenina que diz que se interessa muito pelo estudo da teologia e da filosofia? Chegou a concretizar esse seu sonho?

Resposta: Foi sempre uma paixão que tive, particularmente na psicologia desde muito cedo e só mais tarde por psicanalise, nós estudávamos os grandes expoentes de psicanalise, como Freud. Quando entrei na Faculdade em 1962 na Universidade Clássica de Lisboa, eu sabia que era uma base muito importante, quis licenciar-me em Teologia. Eu fui sempre estudante trabalhadora, antigamente os cursos tinham cinco anos curriculares, come sempre teses muito exigentes de licenciatura. Fiz a minha tese de Filosofia sobre Withger e fiz a minha Tese de Teologia sobre Patrística. Felizmente sou muito estudiosa, sem perder ano nenhum, fora os estágios. Ambas as licenciaturas tiveram 8 anos de duração. Ou seja, as duas licenciaturas levaram 16 anos a concluir, fora os estágios. Fiz o estágio para a docência no Liceu Camões. Tirei o Curso de

Ciências Pedagógicas pela Universidade Clássica de Lisboa e pela Universidade de Coimbra, fui para lá à procura de um psicólogo e filósofo muito conhecido, chamado Êmile Planchard um psicopedagogo e um psicólogo. Fui para Coimbra á procura deste professor, fiz uma cadeira com ele e fiquei muito contente! Sou Mestre e Doutora em Educação – Área de Especialização em História da Educação e da Pedagogia – pelo Instituto de Educação e Psicologia em Braga. Como sabem, hoje estes dois institutos estão separados, mas na altura estes institutos estavam unidos.

3ª Pergunta: Nos dias de hoje, é uma grande impulsionadora do estudo da Vida e Obra de João dos Santos, quando surgiu este seu interesse?

Resposta: Portanto, lecionei Filosofia e Psicologia no ensino secundário vários anos, ensinei também em Faculdades e seminários, mas sempre por convite, e ao mesmo tempo em que fazia a Licenciatura em Teologia na Faculdade de Teologia da Universidade Católica, em Braga. É evidente que, como professora de Psicologia, eu estudava há muitos anos os grandes mestres da psicologia e da psicanálise. Interessei-me muito pela psicanálise, e aconteceu, porém, que, quando cursava teologia, tive grandes professores em teologia que estudavam muito, que e se interessavam muito por outros saberes, muito pela psicanálise, o que é muito curioso. Havia nesta Faculdade muitos grandes professores que estudavam psicanálise, aconteceu porém que no início dos anos 80 (iniciara o curso de Teologia em 1982), deparei-me por acaso com os livros que João dos Santos tinha publicado, julgo que oito, que tenho elencados na minha tese de doutoramento. Encantou-me, fiquei de facto muito surpreendida desde logo pela aliança impressionante que ele estabelecia, a cada página, entre a profundidade e a originalidade do seu saber psicológico, e o psicanalítico particularmente da psicanálise e a simplicidade e humanidade do seu ensino vertido numa linguagem ao mesmo tempo cientificamente rigorosa, mas intencionalmente simples, porque a sua grande intenção era chegar com a urgência não só aos técnicos de saúde mental e de educação, mas também a todos os que se ocupassem o mais perto da criança, pais, educadores todas as pessoas que tivessem implicadas na vivência da criança, pais, professores, todos os que tivessem implicados na vivência da criança. A quem ele atribua um papel primordial, «porque não era moralista, mais emocional, mais afetivo, emocional toda a comunidade que tinha como preocupação primordial a criança. João dos Santos dizia ter nascido numa aldeia, que era Lisboa. Lisboa continua a ser face a outros países uma aldeia. Mas

não existe uma ligação nos dias de hoje com as crianças. Ele considerava que o Padeiro o Merceeiro deveria se importar com a criança. Ele achava que quem via a criança tinha a preocupação de perguntar pela mãe, o que tens feito, toda a comunidade deveria ter a preocupação em cuidar e tratar da criança. Toda a comunidade se deveria preocupar em amar e cuidar da criança. João dos Santos chama a atenção do leitor para o facto de que a criança, é e deve ser educada nos ambientes onde nasce, se cria e se encontra. E lembra que uma Sociedade só terá futuro, quando os especialistas de qualquer área, enfermeiros, sociólogos tenham como prioridade aquilo que João dos Santos chama *a problemática da criança*. Que a Sociedade só terá futuro se os sociólogos tiverem como prioridade fundamental o cuidado pela pessoa da criança, a sua saúde e felicidade. Eu dediquei a minha vida toda em prol da alegria e da felicidade e dediquei toda a minha vida em prol da felicidade e alegria das crianças das crianças. A criança é a base e o fundamento único de todo o edifício da aprendizagem, da especialização, tanto em Portugal como no estrangeiro, conhecer a problemática da criança. Para quê? Para que uma criança seja feliz. Isto só acontece quando é capaz de ser integrada no país em que vive e depois contribua para o avanço da cultura, da ciência, da sociedade. Dar-lhe todas as possibilidades à criança para que seja integrada, feliz criativa, para o avanço da sociedade, da cultura, para que seja uma criança criativa, criadora que se desenvolva.

João dos Santos chama constantemente atenção para o leitor para o ambiente em que a criança vive. Ou seja, diz aos psiquiatras da infância que «o grande especialista da criança é a mãe, e que eles devem primeiro aprender com ela antes de lhe ensinarem seja o que for». Insiste também que qualquer sociedade só terá futuro quando os especialistas, as instituições, o poder e a comunidade em geral, mesmo o pequeno bairro onde a criança vive, assumam como tarefa prioritária *o cuidado* pelo que chama de «*problemática da criança*».- *E é um conceito dele*. E oferece como exemplo esta simples recordação da sua infância: «Quando eu roubava fruta ao merceeiro lá do sítio ele viveu durante muitos anos e depois de casado no Bairro da Graça, em Lisboa), o merceeiro dizia-me: “olha que eu vou dizer ao teu pai”! – e isso tinha uma importância educacional muito grande.

Mais cinco aspetos do ensino santiano chamavam a minha atenção:

4ª Pergunta: Ou seja vai enunciar os cinco aspetos que a levaram a estudar João dos Santos?

Resposta: Não foram sobretudo os aspetos mais importantes que me levaram a estudá-lo. Eu estava a ler e ainda não tinha sequer conhecido todos os seus livros, foram aspetos que considerava completamente inovadores em João dos Santos. Como disse, eu estudava os grandes psicanalistas mas via que estes apenas se focavam unicamente na investigação do seu saber e portanto na prática das suas clínicas, não tinham aquele interesse tão fundamental no estudo da criança.

Primeiro aspeto: em todos os seus escritos, fossem quais fossem, depois encontrei no espólio estudei-o durante oito anos seguidos afincadamente na biblioteca nacional. Este espólio esteve durante muitos anos, mais de 20 , fechado na Biblioteca Nacional. Eu tive autorização da sua família, a sua filha está a tratar de o publicar. Eu tive licença da sua família para que durante o tempo que quisesse de consultá-lo. Eu demorei anos a conseguir estudá-lo, porque tem muitos manuscritos, etc. Neles encontrava como tema fulcral *a centralidade da pessoa da criança* – criança que João dos Santos considerava coautora da sua própria educação para a autonomia e a liberdade. João dos Santos tem textos muito bonitos, que percorrem a sua obra. Tem este texto muito importante em que lembra aos psicólogos, aos educadores e aos técnicos de saúde mental que a criança aos cinco anos sabe tudo da vida. Ora, normalmente, quando a criança chega à escola desconhece-se este facto e o resultado é a criança sentir como estranho e repressivo face ao que lhe ensinam. Porque não partem do que ela já sabe. Para que respeitem a criança, para que a criança se sinta motivada e compreendida, o educador tem de saber descobrir o que ela já sabe. João dos Santos diz que a criança já sabe tudo, andar, controlar as emoções. A criança tem de sentir que o ensino que lhe é ministrado, os conteúdos que dizem que lhe vão ensinar tem sempre partir das suas próprias experiências, do seu próprio saber.

Um segundo aspeto que me chamou a atenção foi o facto de João dos Santos estabelecer uma aliança indissociável entre teoria e prática clínica Podemos ver porque esta de facto elencado na sua obra de 1962 *A caminho de uma utopia o instituto da criança*, o que ele fez de raiz com pais com filhos com dificuldades de aprendizagem, com filhos com problemas graves, deficientes profundos, cegos, filhos surdos. João dos Santos, em

1962 cria em todo o Mundo, e isto está provado, a primeira secção de saúde mental materno infantil, mais tarde chamado Sofia Abecassis, sempre com uma rede de discípulos que sabia motivar, dirigir que trabalhavam com ele.

Os centros psicopedagógicos da Voz do Operário, no Colégio Moderno, ainda hoje a mulher do Dr. Mário Soares, dá o testemunho que o primeiro psicólogo que teve a ajudar na sua escola foi João dos Santos, pelo que deu testemunho muito importante na minha tese de mestrado entre muitos, muitos outros.

No Colégio la Claparède, no centro de recuperação visual Hellen keller, onde ainda hoje há um pequenino busto de João dos Santos, em sua honra.

Liga portuguesa dos deficientes motores, ainda todas estas instituições existe.

Cria o Centro infantil Hellen keller.

Contactou com oftalmologistas, ele fazia sempre uma articulação em rede com todos os especialistas que podiam ajudar aquela problemática que era preciso tratar investir, cuidar, daquele problema. Hellen Keller vem a Portugal a convite de João dos Santos, do oftalmologista Pedro Moutinho, e a Gulbenkian apoia com um subsídio para a vinda de Hellen Keller a Portugal. Há fotografias de Hellen Keller, a falar com o Diretor de Gulbenkian e com Pedro Moutinho e com João dos Santos ainda hoje há fotografias.

Cria também um centro que ainda hoje existe, muito importante, o centro de Paralisia Cerebral da Liga Portuguesa dos Deficientes Motores.

Cria a liga da Associação Portuguesa de Surdos.

Cria a secção de higiene infantil-José Domingos Barreiro.

Cria e ainda hoje existe, a Liga Portuguesa contra a epilepsia.

Estas são as mais importantes, ele vai sempre criando instituições, sempre em articulação com todos os especialistas que podiam ajudar no estudo, preconizava sempre um trabalho em equipa multidisciplinar.

Sublinhava, em termos teóricos, a importância da *prevenção primária precocíssima*, portanto ante natal (é um conceito seu) de quanto pudesse afetar a saúde física e mental

da criança. Socorrendo a mulher grávida, apoiando a mulher grávida através de uma enorme rede de proximidade de enfermeiras de saúde pública, que iam a sua casa, faziam um trabalho em rede absolutamente estruturado, um atendimento gratuito, motivavam-nas, iam ver como estavam, e traziam esses conhecimentos para constantes reuniões de equipa com psiquiatras, obstetras, pediatras, assistentes sociais e quando era preciso com tribunais. João dos Santos agregava todos os especialistas que podiam ajudar a resolver aqueles casos. Em termos práticos tinha sido o criador, juntamente com discípulos que tinha o dom de agregar, motivar e orientar, de instituições que já vimos e eram serviços, e são ainda hoje são o que de melhor contamos em Portugal, para a prevenção e/ou recuperação de todas as formas de deficiência. Sejam, deficientes afetivos, às vezes monoparental que vivem em bairros degradados, não tem disponibilidade para atender a criança, João dos Santos diz que um deficiente afetivo é um deficiente mental. Ele tem um conceito muito largo de deficiência, já vamos ver que ele diz que todos nos somos deficientes mentais de alguma maneira. Ele tem muito carinho, muita atenção, despsiquiatrização.

Ficou célebre, o que hoje está provado, que João dos Santos foi o primeiro que, em todo o mundo, criou uma Secção de Higiene Mental num Centro Materno Infantil em Campo de Ourique, em Lisboa. Hoje chama-se Centro Sofia Abecassis. Neste Centro, dava-se apoio à mulher grávida para que tivesse condições físicas e emocionais para gestar o seu bebé. Neste Centro, como em todas as instituições e serviços que fundou para dar apoio à criança a braços com dificuldades escolares, emocionais e mentais, para recuperar, reabilitar e integrar se não tivesse sido possível prevenir toda a espécie de deficiência que a pudessem afetar, João dos Santos criou sempre uma rede de trabalho em equipa, multidisciplinar, formada por psiquiatras, obstetras, pediatras, enfermeiras, assistentes sociais, psicólogos, educadores e professores, próprios juizes que muitas vezes tinham de atender a estes casos. Um juiz que estava a braços com quem queria ficar. É emblemático do seu ensino a afirmação que deve nortear toda a abordagem da deficiência, e que é uma frase que repete muitas vezes «*a irrecuperabilidade – afirma- não tem sentido para mim!*». Qualquer criança deficiente por mais grave, ou mesmo a mais profunda que seja, tem sempre possibilidade de melhoramento, é preciso de assistir a família cuidar da família porque tem um fardo muito pesado. *É preciso sempre um ensinamento em rede*. E nesta linha de pensamento

e de ação, interessa-se porquanto possa melhorar a *relação* e a *integração* do deficiente profundo e o acompanhamento das suas famílias. A propósito, ficou célebre este repto que lançou aos poderes, num importante Congresso de Saúde Mental que realizou no Porto e que foi o seguinte «o dever de consciência de os Governos atribuir ao deficiente mental profundo «o salário mínimo nacional». Um deficiente profundo que dizem ser irrecuperável, ele diz que existe sempre um tipo de melhoria, melhoria em quê? Melhoria na sua capacidade de se relacionar por mínimo que seja com o meio em que vive, na sua família, se a criança se poder alimentar, mandar fazer um talher enorme para que a criança possa ter o gosto em manejá-lo, etc. João dos Santos tem um grande carinho pela deficiência sendo que a irrecuperabilidade não tem nenhum sentido. Outro aspeto importante, encontra-se no seu conceito promissor de deficiência. Afirma o seguinte: «Todos somos de algum modo deficientes, pois ninguém desenvolve todas as suas potencialidades, pois, se somos bons num determinado aspeto, somos incapazes em muitos outros. Lembra também que «as deficiências não são só físicas, sensoriais e mentais, mas podem ser e são também em todos nós sociais e afetivas. A propósito, escreve: «Toda a criança deficiente, e todo o adulto quer seja deficiente social por viver num meio degradado, quer seja deficiente física por transtorno somático, está eventualmente em risco de se tornar deficiente intelectual [EE II: 1983: 143]; é muito importante, daí ele ter tido aquele programa de apoio à mulher grávida, é muito importante que se atenda a recuperar o mais precocemente possível qualquer deficiência física, porque muitas vezes essa deficiência inatendida pode tornar-se em deficiente intelectual, mental porque a criança é desprezada, a criança é agredida perde a sua autoestima, portanto João dos Santos tem este conceito muito largo é deficiente todo aquele que não se sabe relacionar consigo mesmo, com o mundo com os outros. a relação é um conceito chave. A saúde mental está na relação na capacidade de que nós temos de nos relacionar de uma maneira Saudável, integrada, criativa, conosco com o mundo. Para ele «Um diminuído sensorial e um carenciado de afeto por parte da família ou da sociedade são diminuídos mentais» [IAD: s/d.: 1].

5ª Pergunta: Qual é que foi o Terceiro aspeto?

Resposta: O terceiro aspeto que chamou a minha atenção é o seguinte, isto é absolutamente novo, João dos Santos estabelece sempre uma relação indissociável entre Saúde Mental e Educação. E mais, a educação é a base, sem educação desde o berço

estamos todos sujeitos a termos endicapes afetivos, emocionais sociais e nós vemos muitas vezes grandes médicos, professores, e são fonte de sofrimento para todos os que estão a seu cargo. Aliás, pergunta, na ausência de patologias mentais congénitas, não é a educação, desde o berço, um meio fundamental de promover a saúde mental? Claro que há crianças que têm doenças congénitas, neurológicas, mas mesmo nessas crianças que têm de ser atendidas há sempre, uma possibilidade de recuperação. Mas na ausência de qualquer deficiência, ou doença desse tipo, o berço podia ter marcado qualquer criança de uma maneira emocional e afetiva tão negligente e tão traumatizante que essa criança é um sofrimento para si mesma e para a sociedade. Não preciso de falar dos drogados, das famílias sem estruturas, que nascem no berço. Não pensem que isto só acontece em meio dos degradados. E, inversamente, poderá a educação ter sucesso na ausência de saúde mental? A saúde mental tem como base uma educação e inversamente. Quanto à prioridade da educação maternal para a saúde mental, João dos Santos escreve o seguinte texto, que vale a pena determo-nos nele que fala sobre a ligação precocíssima da relação da mãe com o seu bebé, sabendo que é um neurologista e psiquiatra, devemos todos saber: «O pensamento só é possível por o homem dispor dum sistema nervoso muito diferenciado. Mas a simples existência dessas estruturas não chega para que o recém-nascido se torne um ser pensante, porque só os estímulos exercidos pela mãe e o jogo dos impulsos da criança a reações e frustrações do meio permitem primeiro o desenvolvimento e o funcionamento das estruturas nervosas [ICP.MSC: 1976: *Esp.*]. Ou seja uma criança que nasceu sem nenhuma afeção neurológica, ou uma criança que não tem os estímulos adequados pode ficar com uma deficiência profunda. Ele dá o exemplo de crianças hospitalizadas muito cedo. Como Spyde estudou e outros autores, a criança podia entrar em marasmo e morrer. Quando as crianças são muito pequeninas, ainda não têm as estruturas nervosas desenvolvidas, tal como Spyde diz poderá entrar em Marasmo e morrer.

Outro conceito importante de salientar é de que «o preconceito educativo que consiste em agir como se a pedagogia e a didática supere a educação maternal é, em todos os países e sempre, o principal obstáculo à aplicação dum programa largo de recuperação integrada na saúde mental. A prevenção, o rastreio, o diagnóstico e o tratamento precoces devem ser a base do programa de apoio às mães e às famílias, e só pela sua aplicação se podem evitar a segregação e rejeição dos diminuídos» [RM-FD: 1968: 38]

A base é na relação precocíssima mãe-bebé, é no berço é na relação que tem com a mãe, em primeiro lugar a relação Mãe-filho; em segundo lugar Mãe-Pai-Filho, e em vários textos João dos Santos lembra que a mulher que não tem apoio masculino, que assume o filho como seu, seja ai biológico ou de coração, a mãe não esta disponibilidade para o seu bebe. Uma mãe sozinha normalmente não está disponível, a mãe isolada, sozinha não tem disponibilidade para manter uma relação saudável com o seu bebe. A relação, o rastreio, o diagnóstico, e o tratamento precoce devem ser o fundamento, a base das mães e das famílias e só com a sua aplicação se pode evitar deixar a segregar e rejeitar de qualquer diminuído isto é assim com algum problema de escolaridade, de integração, isto é crianças diminuídas erradamente consideradas não porque sofram de alguma patologia neurológica ou patológica, mas porque desde o berço tiveram pouco ou nenhum apoio afetivo do pai e da mãe. Desse laço que não se deve perder, Mãe-Filho, Mãe- Pai- Filho, se não houver esse laço a criança fica sujeita a crescer com problemas mental, neuroses graves e psicoses graves, e tudo advém dessa relação, porque a relação, diz João Santos, é tudo, a pessoa é a relação, se não houver quem nos estruture, mesmo a nível do sistema nervoso, mesmo desde pequeninos, deve ser uma relação saudável, emocional, afetiva, espontânea, cuidada. O berço marca-nos como destino.

Um quarto aspeto que chamou a minha atenção do pensamento inovador em Saúde Mental consistia, por um lado, na chamada de atenção de que a psiquiatria de adultos e de crianças não tem nem deve ter como objeto a anormalidade, anormais somos todos. Mas a sua *prevenção e prevenção precocíssima*, começa na díade na relação Mãe-Filho ou Mãe-Pai-Filho, *relação precocíssima, Ante-natal* e por outro lado, chamava a atenção para o desconhecimento de que toda a abordagem fundamentalmente correta em Saúde Mental tem só um princípio por onde se tem de começar pela Saúde Mental Infantil.

Saber é impossível se ter essa consciência e não investir? Nós hoje temos muitos adultos com problemas psiquiátricos que não teriam. Se mesmo hoje com a crise e com grandes problemas económicos e de emprego. Se há uma boa infância, há uma infância de base, uma estruturação para reagir, para se criticar para deitar qualquer governo abaixo num país, sem ser por revoluções sangrentas evidentemente, mas as pessoas têm esperança e reagem, as pessoas já estão desde o berço tão amachucadas, com uma

relação tão diminuta, que as pessoas não têm nenhuma auto-estima ou força, esperança para lutar.

João dos Santos ilustra sempre de uma ponta à outra, sempre claro, ao longo da sua extensa obra: a Psiquiatria e a Pedopsiquiatria, não têm, nem devem ter como objecto a anormalidade. Qual é o objecto de estudo e de prática clínica da psiquiatria? A anormalidade, a doença mental. João dos Santos é um grande Humanista e diz não, não ganhem dinheiro com isso que, que eu também fazia muita coisa de graça, embora ganhasse dinheiro, claro, tinha quatro filhos, e quando eram grandes e tinham problemas ele ia para a frente mesmo que não houvesse dinheiro nenhum. O objecto de estudo da psiquiatria não é a anormalidade e a deficiência, mas a prevenção, o tratamento, o estudarem para saberem prevenir. O psiquiatra em primeiro deve ter como objecto o estudo da prevenção, o estudo mais precoce. Saber identificar onde está ali a raiz de um problema que pode desencadear aquilo que pode ser um problema mental, um problema de anormalidade, psiquiátrico, um problema psicológico, a ansiedade, a depressão, seja o que for. Portanto, tem de investir nos mecanismos da prevenção. Daí João dos Santos ter sempre investido na criança, um paradigma de conectividade. Uma revolução da saúde mental infantil, centrado na criança, centrado na infância é na infância que tudo começa.

A saúde mental da população promove-se através da psiquiatria infantil; a prevenção primária em saúde mental está sobretudo na mão dos pediatras; o pedopsiquiatra diz João dos Santos vamos ver a rede, é um técnico importante por revelar aos obstetras e pediatras as consequências graves que, à distância, têm as situações de sofrimento ou doença precoce e, assim, poderá vir a ser o consultor que, no plano do desenvolvimento psíquico, ajuda o pediatra na sua ação preventiva. Inversamente o Pediatra que está em contacto com a família e com a criança pequenina, com a mãe com a família pode prevenir muitos distúrbios do desenvolvimento. Quando já existem pode fazer rede com pedopsiquiatras. João dos Santos nunca trabalhou sozinho, a não ser agregar especialistas que estivessem em contacto com essa problemática da criança, que caso dos obstetras, médico de família, dos psiquiatras, dos psicanalistas. Isto não existe, hoje em dia veio pra trás, retorceu, isto não existe. Como vemos, há em João dos Santos sempre a exigência de que em Saúde Mental se trabalhe em equipas pluridisciplinares, e de que nunca se perca de vista de que a Saúde Mental da população se promove através

da Saúde Mental Infantil. Cito mais este texto que é muito importante, isto já não vai durar muito «A Pedopsiquiatria – sublinha João dos Santos - é a forma mais eficaz de realizar um programa de prevenção de certa maneira equivalente ao que se chama, em Saúde Pública, ‘Prevenção Primária’. Daí, a importância de uma integração da Pedopsiquiatria na Saúde Mental e mesmo na Saúde Pública» [Conferência de João dos Santos, in *Diário de Notícias*, 30.11.1974]. Um quinto aspeto que é o último que havia ainda muitos antes, chamou a minha atenção: muito antes de Damásio, João dos Santos afirmou, escreveu, provou que é a emoção, quando a criança não consegue aprender, há um problema de base a emoção. O Portanto, vou repetir o que está na origem do desenvolvimento dos processos evolutivos mentais e inteligentes do ser humano. Inerentemente relacionado com esta ideia, João dos Santos erige, agora com muita atenção, João dos Santos erige em objeto científico o conceito de relação, è na relação, na boa relação, é na boa relação repito que se consegue relacionar consigo mesmo, com os outros, com a cultura, com o mundo, com a comunidade, relacionar-se, acolher e transformar, contribuir criativamente. Portanto inerentemente relacionado com esta ideia João dos Santos erige em objeto científico o conceito de *relação* Depois, ressemantiza-o e atribui-lhe valor epistémico terapêutico e pedagógico. Os professores sabem que a relação é tudo com os seus alunos, os médicos sabem que a relação com os seus doentes é tudo, claro que eles hoje têm técnicas tão sofisticadas que quase não olham para o doente. Para ele, com efeito, a *relação* tem em si mesma valor semiológico, teórico e operacional, porque na relação se enraíza e fundamenta toda e qualquer possibilidade de *comunicação* e de *compreensão* e, portanto, de terapia e mudança. Eu vou Escolher, de entre muitos outros que percorrem de uma ponta à outra a Obra de João dos Santos, eu vou escolher o seguinte em que erige o objeto de relação: Se a pessoa só existe quando há *relação*», não é possível abordar qualquer problema psicológico sem a ter em conta. A origem da pessoa são as emoções e os afetos que se verificam na *relação* da criança com os adultos, vou repetir. O *objeto de amor ambos sabemos, o objeto de amor em criança é a mãe, nos adultos são as pessoas que amamos, que nos fazem sentir bem*, ou é a pessoa ou a coisa tornada pessoa pelo que se projeta nela de qualidades ‘pessoais’. O *objeto* da criança é o adulto, são as coisas que são tornadas *objetos* por representarem qualidades de pessoas — instrumentos, brinquedos, vamos ver o objeto transacional de Winnicott que a criança introjecta como sendo seu, como sendo a presença constante da sua mãe, e quando lhe apresentam o uso

ela se acalma ou seja as coisas também se pode tornar objeto, deste que tenham na sua origem o amor. A escrita pode tornar-se *objeto* se for um instrumento de comunicação entre pessoas, o que implica ser necessário que, na aprendizagem, este instrumento seja percebido como *objeto*. Daí que quando um professor tem uma relação muito boa com uma criança, e fala com ela e agora escreve a história que eu te contei, era assim que João dos Santos ensinava na Casa da praia a crianças que diziam não saber escrever, e portanto a escrita ficava logo ligada a uma relação de afeto de amor, a uma relação de proximidade com o adulto o que implica que seja percebido como objeto de amor entre o professor e aluno. A relação é, assim, a fonte de aquisição de rigorosos conhecimentos teóricos e de eficaz operacionalidade. Tanto na Saúde como na Educação. Num dos muitos cursos que João dos Santos ministrava a jovens médicos, que foram muitos, ele lecionava em Santa Maria, a pedido de Barahona Fernandes, aconselha o seguinte, agora vou ler devagarinho: que «sigam a via da aprendizagem da observação médica, neurológica e psiquiátrica tradicional, para se poderem encontrar um dia na posição de descobrir que o mais importante em medicina é a *relação* humana que liga médico ao doente. E é nesta relação médico-doente que João dos Santos enfatiza o que o que Freud diz «a influência pessoal é a mais poderosa arma dinâmica e fonte de cura».

6ª Pergunta: João dos Santos- Porquê estudar João dos Santos?

Resposta: Dei-me conta, ao ler João dos Santos, sobretudo no ano em que tive o privilégio de estudar o seu valioso e extenso espólio depositado na Biblioteca Nacional, em Lisboa que este Autor, tão profundo e original, tão interessado pela promoção da Saúde Mental da criança e, no seu seguimento, pela promoção da Saúde Mental do adulto, concretizava esse interesse numa Obra verdadeiramente inovadora, revolucionária. Esta inovação consistia na criação de um novo paradigma científico que articulava, num todo coerente e indissociável, Saúde Mental, Educação, Escola, Sociedade – com todas as suas estruturas de instituições serviços e poderes – Urbanismo, Ecologia e Cultura. Nada do que estivesse na origem da pessoa e no seu direito a realizar-se mediante o esforço por acolher as aquisições sociais, civilizacionais e culturais e para elas contribuir criativamente dadas à nascença, era deixado de lado, eu encontrava um autor que tinha posto de lado para elas contribuir criativamente era deixado de lado. Eu encontrava-me, de facto, perante um de Autor que introduzira no estudo e na prática da Saúde Mental um *novo paradigma científico*, «um paradigma

científico, a que chamo, que acho que devia ser estudado de conectividade centrado na criança».

7ª Pergunta: Posteriormente pedia-lhe que me falasse um pouco sobre a vida e Obra de João dos Santos do seu percurso mais importante).

Resposta: Sublinho apenas um aspeto que considero importante, que me surpreendeu quando tentei escrever uma biografia sobre a Vida, o Pensamento e a Obra de João dos Santos, porque os dados biográficos podemos encontrar em Biografias. Primeiro, a formação absolutamente excecional que recebeu em Paris, quando foi obrigado a sair de Portugal e a procurar asilo em França, com o precioso auxílio de Henri Wallon, que já conhecia e apreciava o trabalho inovador que João dos Santos realizara em Portugal nas áreas da Saúde Mental, Educação e Psicopedagogia. Em 1946, João dos Santos foi obrigado pelo regime de Salazar a exilar-se, porque participou numa reunião em que se pedia a realização de eleições livres em Portugal. João dos Santos assinou esse pedido porque, deixou escrito no início do seu Livro *Ensaios de Educação*, volume I, quis ser fiel ao legado paterno que lhe ensinou, desde sempre, que sem Democracia não pode haver Educação e a Saúde. Até 1950 estuda e trabalha em Paris com os maiores vultos da neurologia, da psiquiatria e da psicanálise, vultos -nessa altura, isso era considerado muito importante, todos os psicanalistas eram psiquiatras e neurologistas que ainda hoje são autores obrigatórios nestes domínios do conhecimento: Henri Wallon, Georges Heuyer, Jean Delay, Henri Ey, André Tomas, Serge Lebovici, René Diatkine, Maurice Bouvet, Maurice Bachet, Sacha Nacht, Jacques Lacan- João dos Santos foi psicanalisado por Jacques L. Pierre Luquet, Julian Ajuriaguerra, Raymond de Saussure, Pierre Naville, Rémi Ceiller, Jean Dublineau, Van der Leeuw, Michel Cénac- também foi psicanalisado por este Jean Paul Fraisse, André Berge, René Spitz, Charles Odier, entre outros. Ele recebe a carta portante de psicanalista, por uma discípula de Freud – Princesa Maria Bonaparte. Uma psicanalisada de Freud, faz a psicanálise didática e torna-se psicanalista.

Segundo aspeto que me chamou a atenção e, confesso, me encantou: ele diz muito perto da sua morte: como quer ser reconhecido-?como médico, psicanalista, ele responde: a profunda formação psicanalítica de João dos Santos, Psicanalista que tanto marcou toda

a sua vida profissional, dotou-o da originalidade de pensar e de escrever de um modo tão vivencial que de uma ponta à outra da sua Obra Científica encontramos a cada página a *rememoração* das etapas mais significativas da sua vida, desde a infância à idade adulta. Portanto a ciência nele era a experiência de vivência a mais interior da sua mais tenra infância. Ele diz quem me fez psicanalista foi a minha mãe. E uma história, mas agora não tenho tempo para contar. Numa palavra, o que quero dizer é que o estudioso de João dos Santos se depara com a feliz estranheza de que ao tentar tecer as linhas mais significativas da *Vida e Obra* do seu Autor é tomado pelo encanto de se sentir empaticamente convidado e acolhido pelo próprio João a *ouvir* a narrativa de uma história pessoal. Como João dos Santos contava, no meu bairro, porque a biografia de João dos Santos é por João dos Santos narrada numa autobiografia. Não nos admira, então, que nos deparemos com uma personalidade fascinante porque, nela, ciência, prática clínica, humanismo e vida são uma e mesma coisa. Cito algumas passagens que o ilustram: «O conceito primordial de Assistência médica passará a significar «*Cuidado* com o aperfeiçoamento biopsicológico e socioeconómico da coletividade, orientando-se no sentido higiênico, profilático e eugénico, estendendo-se em superfície e profundidade e indo a toda a parte. Os seus princípios basilares serão: Política da Saúde e não Política da Doença; prevenir mais do que remediar; não fazer da doença a razão da existência do médico e fazer coincidir o seu interesse individual (profissional) com o interesse coletivo. «Toda a educação ou terapia que não se faça na base do investimento científico e da empatia, nunca poderá considerar a pessoa do paciente ou do educando como uma personalidade total e unitária, impossível, portanto, de ser reduzida a um órgão doente, ou a uma qualquer perturbação mental ou psíquica». «O psicoterapeuta escreve João dos Santos ele próprio tem de se pôr de acordo consigo próprio para que a técnica que utiliza seja sinceramente e totalmente aceite pela sua personalidade e afetividade, pela sua atitude ideológica, profissional e social, e pela sua inteligência e conhecimento. E noutra lugar ainda deixa-nos o seu testemunho: «Pessoalmente, procuro fazer relatórios que qualquer pessoa possa ler e penso até na possibilidade do relatório ser sobre a criança poder compreender, quando adulta, um escrito a seu respeito que não a choque».

8ª Pergunta: Posteriormente João dos Santos veio trazer de entre médicos, uma revolução da Saúde Mental Infantil em Portugal: quais os seus fundamentos e princípios?

Resposta: Podemos destacar quatro conceitos fundamentais que dinamizam e operacionalizam o *novo paradigma científico* que João dos Santos inaugura numa verdadeira revolução em Saúde Mental Infantil em Portugal:

Primeiro, o conceito de *prevenção primária precocíssima, já vimos* ante natal portanto, da saúde mental materno-infantil, promotora dos laços emocionais mãe-bebé, porque na boa relação mãe-bebé, residem os alicerces da evolução emocional, afetiva e mental saudável do ser humano... pela vida fora!

Segundo, o conceito, o conceito de *relação* que assenta no modelo de *relação de objeto* que João dos Santos assume como núcleo do seu pensamento psicanalítico.

Terceiro aspeto, o conceito a afirmação de que a deficiência, por mais grave que seja tem, na criança, sempre alguma recuperação. Já a bocado vimos que a «A irrecuperabilidade não tem sentido para mim», é uma frase emblemática do seu pensamento.

Quarto, o conceito de *intencionalidade pedagógica*, de fazer crescer, de fazer feliz uma pessoa, a intencionalidade pedagógica deve redizer a todo o cientista que trabalha em saúde mental, educação e saúde mental não podem se dividir, ou seja que deve estar subjacente na teoria e na prática dos técnicos de saúde mental que ajudam a criança: psicólogos, psiquiatras e psicanalistas.

Quanto ao primeiro conceito, o de relação primária precocíssima mãe-bebé, João dos Santos escreve:

«O destino do homem determina-se na forma como ele é gerado, no calor dos braços que se lhe estendem, na ideologia que o envolve e na liberdade que lhe é proporcionada para imaginar, experimentar, pensar». Mas João dos Santos não esquece a importância do pai e da família nuclear e a alargada na formação axial da criança. «A higiene mental só tem um campo verdadeiramente eficaz, o da relação da mãe com o seu bebé, desde a gestação até aos três anos, até à idade do jardim infantil. O da relação da mãe com uma

figura paternal; pois a mãe só pode estar disponível afectivamente para o seu bebé, quando apoiada pela figura paterna, ou por quem a substitua, isto é, por quem, mesmo não sendo pai biológico da criança, a assume como sua.

Quanto ao segundo conceito a que subjaz a *ruptura epistemológica* que opera em Saúde Mental Infantil, o conceito de *relação de objecto*, João dos Santos ressemantiza-o atribuindo-lhe um novo significado semiológico, teórico e operacional porque, como ensina, na *relação* se enraíza toda e qualquer possibilidade de observação correcta, de comunicação e compreensão empática, de contenção perlaborante dos conflitos que fazem sofrer as pessoas e lhes emperram a capacidade de aprender, trabalhar e amar. Numa palavra, é na relação, que João dos Santos situa na própria origem da pessoa — que reside, em psicoterapia, a possibilidade de mudança e de cura, e em pedagogia, a possibilidade de ajudar a criança a vencer os obstáculos que a impedem de aprender na escola com sucesso. Todos os problemas escolares da criança, afirma João dos Santos, têm raiz afectiva e são devidas a um estado de tristeza e de depressão na criança.

Quanto ao terceiro conceito que subjaz à *ruptura epistemológica* que João dos Santos opera em Saúde Mental Infantil, encontramos a afirmação: De que a deficiência, por mais grave que seja tem, na criança, sempre alguma recuperação. João dos Santos escreve:

«Apesar das dificuldades, não posso aceitar a resignação terapêutica perante os casos ditos ‘irrecuperáveis’. De facto, não se pode hoje dizer que há incurabilidade total por mais graves e pesados que sejam os casos. Porque embora mínimas, há sempre alguma possibilidade de melhorar a adaptação e de modelar algumas manifestações mais salientes da conduta». E referindo-se ao que em Portugal se continua a fazer em clínica pedopsiquiátrica, clínica orgânica e medicamentosa, João dos Santos lembra que «Um diagnóstico menos rígido e mais aberto às concepções dinâmicas, portanto o diálogo pode evitar a aplicação cega de remédios mágicos. Pode e deve evitar o ‘zelo terapêutico’ que muitas vezes se traduz numa espécie de rejeição da pessoa, em benefício da doença». É muito mais fácil portanto Cedar uma criança ou uma pessoa do que se implicar coem ela para ver ao que de facto esta na raiz do que ela apresenta. E hoje os psiquiatras principalmente os discípulos de João dos Santos não se cansam de dizer, que a psiquiatria esta a voltar outra vez para uma psiquiatria biológica. Porque é

muito mais fácil ceda-la do que ouvi-la. Com efeito, não havendo tempo nem disponibilidade para o diálogo, o mais fácil é abafar os problemas com medicamentos! E alerta os pedopsiquiatras para o perigo de praticarem uma pedopsiquiatria insalubre que à força de medicamentos pretendem resolver todos os problemas psicológicos, a pretexto de que é organicista. Este procedimento – prossegue João dos Santos- pode impedir a resolução espontânea dos desvios do desenvolvimento psíquico que a criança tinha se houvesse um acompanhamento relacional, dialogal a criança que esta em desenvolvimento ela podia perfeitamente, como João dos Santos diz voltar atras e não e retomar o fio a meada, e o médico abafa com medicamentos, a criança, nem acompanhamento, nem disponibilidade nem possibilidade de continuar de uma maneira saudável a resolver os seus conflitos que são normais. Ele tem o perigo de *imbecilizar* as crianças tornando-as incapazes de aderir aos processos de integração, aprendizagem, etc.».De a tornar saudável. Alerta ainda os psiquiatras da infância e da adolescência para a importância de não esquecerem que a ação psicoterapêutica só atinge a criança, se primeiro se exercer junto dos seus pais e familiares mais próximos, porque a «psiquiatria infantil é, antes de mais, a psiquiatria dos pais». Dirige-se também aos educadores e professores com alertas que ainda hoje percorrem a sua obra com textos de psicoterapia pedagógica incontornáveis. Textos que alertam para a importância de os professores compreenderem, em termos teóricos, de que a educação não começa só no berço da família, mas, antes, no berço da História. No berço da História: porque «A criança recapitula no seu desenvolvimento os estádios da nossa ancestralidade, e por isso precisa, para a ensinarem a ler nos livros, que primeiro a deixem percorrer os estádios que o ser humano percorreu no início da História: expressar-se através das suas emoções primárias vividas no comportamento psicomotor — tem que se deixar espaço para se gestos, sons, mímica, palavra — deixem a criança gesticular, movimentar-se, falar... pede João dos Santos! O que mais se ouve nas Escolas é «Estejam calados!»). No berço da família, o que deve levar os professores a terem a convicção de que «genética ou psicanaliticamente a educação, pedagogicamente dirigida, é precedida por uma educação espontânea: a da *relação* entre a criança e a mãe». *Relação autêntica e amorosamente investida* que os verdadeiros educadores e professores têm de continuar.

É um outro conceito de João dos Santos absolutamente inovador a *Pedagogia Terapêutica*, que os próprios psiquiatras têm de ter em conta, uma psicopedagogia que

cura, muitas vezes as crianças tem muitos problemas e é na escola com um bom professor, problemas afetivos, emocionais que não a deixaram desenvolver e é o professor com uma boa relação, com paciência, com uma proximidade muita grande da criança, que sem a criança dar conta. Pedagogia terapêutica a que João dos Santos de atribui tal importância na compreensão e ultrapassagem de dificuldades que emperram na criança a capacidade que, afinal, lhe é tão natural de aprender com alegria e sucesso que a prefere, em muitos casos, à intervenção dos pedopsiquiatras. Portanto o professor para João dos Santos têm um papel primordial, como a Mãe o pai, até antes dos pedopsiquiatras, porque muitas vezes eles são analfabetos a cerca da problemática da crianças, não só por darem só medicamentos, em vez de falarem com a criança, não, e por isso, fabricantes de doença mental, não falarem com ela, não conhecem o ambiente apenas receitam.

Relativamente ao quarto conceito:

Quanto ao quarto conceito a que subjaz a *ruptura epistemológica* que João dos Santos opera em Saúde Mental Infantil, lembro o conceito de *intencionalidade pedagógica*. João dos Santos lembra aos psicólogos e aos pedopsiquiatras de que a saúde mental vocacionada, está em primeiro lugar dirigida à promoção e prevenção da Higiene Mental, o mesmo é dizer, dirigida a «uma educação e pedagogia da saúde mental», que os pedopsiquiatras e psiquiatras devem fazer, uma psiquiatria e uma pedagogia da saúde mental muito *antes* de se investir na *prevenção*, conceito este já pertencente ao campo específico da teoria e da intervenção médicas. Em primeiro lugar é preciso que os médicos tenham como intencionalidade, e porém a sua teoria, tudo o que estudam no conceito de promoção de saúde mental. «Conceção — lembra ainda João dos Santos — em grande parte baseada nas ideias de Freud, que levou a que a Higiene Mental, antes direcionada para a aspiração de evitar a doença, particularmente a loucura, se relacionasse mais diretamente com a saúde prevalecendo, assim, à terapêutica». Primeiro uma promoção da saúde. Se os médicos, os psiquiatras, os pedopsiquiatras tivessem como primordial promover a saúde, depois prevenir e só depois intervir de uma maneira curativa terapêutica. É o que João dos Santos traduzirá nesta ideia lapidar: «A verdadeira Higiene Mental diz respeito à educação, à introdução duma nova pedagogia. A Higiene Mental é um mito, a Pedagogia, é o futuro» [EE II: 12983: 314]. Portanto, «A pedopsiquiatria não tem nem deve ter como objeto a doença mental mas

todas as ações que a previnam, devendo para isso inspirar-se em todos os conhecimentos antropológicos, sociológicos, psicológicos e psicanalíticos, dos educadores porque a Saúde Mental depende da sociedade e da evolução da sociedade». Sempre como vemos, a proposta santiana de uma conectividade cerradas entre todos os aspetos educacionais, médicos, psicológicos, pedagógicos, sociais, culturais e políticos. É certo — observa João dos Santos — que os pedopsiquiatras não são educadores. Mas na relação com a criança podem e devem criar um ambiente educativo, o mesmo é dizer, estabelecer com a criança uma *relação de empatia e diálogo* sobre o que a faz sofrer. Na mesma linha de pensamento, pede aos pedagogos que, partindo da *observação* da criança e estabelecendo com ela uma *relação* de respeito, empatia e interesse pela pessoa que ela *é*, antes de se interessarem pelas suas dificuldades, se apoiem em conhecimentos teóricos, técnicos e em práticas de psicologia desenvolvimental, a que chama «Pedagogia Terapêutica». Conceito através do qual mostra que esta Pedagogia, *investida com espontaneidade e autenticidade e interesse* pelo bem-estar e alegria da criança — isto é, investida no sucesso da sua integração na escola e na sua aprendizagem — esta relação feita com espontaneidade, e tem igualmente efeitos terapêuticos podendo mesmo, se necessário, «*voltar atrás e retomar o fio à meada*», para ajudar a criança a reparar *falhas precoces, que não conseguiram reparar* que dificultam o seu desenvolvimento. E sublinhando mais uma vez a importância de os professores e os técnicos de saúde mental trabalharem em equipa para ajudarem a criança escolar, acomete aos psiquiatras e aos pedopsiquiatras *intencionalidade pedagógica* que, normalmente, é atribuída aos educadores e pedagogos. Não, se calhar em primeiro lugar é atribuído aos médios da mãe, aos pediatras, aos psiquiatras que trabalhem todos em rede, cada um no seu consultório, sem fomentar o trabalho em rede. Mostra que não é apenas teoria mas a própria prática, a aliança entre teoria e prática que leva a todo este sucesso que leva a todo este trabalho multidisciplinar em equipa que estão todos relacionados com a família, podemos avançar mais um bocadinho. João dos Santos escreve: «Só quando psiquiatras e pedopsiquiatras se disponibilizarem, quando necessário, para trabalharem em equipa com educadores e pedagogos evitarão, o perigo de rotular com entidades nosológicas da psicopatologia dificuldades normais e passageiras da criança, e os segundos (os educadores) a prática de uma pedagogia e de uma didática desconhecedoras do processo desenvolvimental infantil. Muitas vezes são o professor que deteta antes do psiquiatra e

resolve os problemas «O maior ou menor aproveitamento escolar não é suscetível de ser compreendido em termos sociais, médicos, psiquiátricos, mas apenas em termos psicológicos de *relação* e funcionamento mental». Porque a inteligência, sublinhará sempre João dos Santos, é mais uma *qualidade* do que uma quantidade!». POR ISSO, SÓ no trabalho conjunto entre educadores, professores, técnicos de saúde mental, incluindo, psicanalistas, juristas e demais profissões que, nas suas competências próprias, lancem luz sobre a compreensão e ajuda à problemática do desenvolvimento infantil — é possível a todos cumprirem a essência dos seus ofícios, essência que João dos Santos expressa na *arte de amar, de ensinar e de curar* quanto possa ser causa de sofrimento quer na criança quer no adulto. A exigência de *conectividade* em João dos Santos é de tal modo abrangente que vai até onde se estenda qualquer organização social e política desde as origens às formas mais diversas que a organização familiar venha a tomar. Porém, para que a própria civilização subsista é a defesa da criança que tem de estar sempre no centro das preocupações: dos poderes políticos, das creches, das Escolas, das Associações, dos Hospitais, da preservação da Natureza, da organização urbana, trabalhando toda esta rede em equipa multidisciplinar orientada para o convívio entre as pessoas ou, então, para o silêncio reparador. Dou a palavra a João dos Santos para mostrar a plena atualidade do seu pensamento, e com isto termino: «Não podemos ficar passivos perante a influência que os fenómenos sociopolíticos e económicos exercem sobre os fenómenos psíquicos e emocionais das pessoas (...).Ele diz isto há tantos anos A Saúde Mental tem de ser abordada através de instituições. Por isso, é este um texto muito bonito que mostra a conectividade «Não separem a criança do homem, a educação da saúde, a saúde do urbanismo, o urbanismo do respeito pela Natureza. Para que a educação seja uma exigência e um direito para além dos hospitais, das maternidades, das creches, das escolas. Para além dos hospitais, das creches, da escola, das burocracia». É na ênfase posta na importância fundamental da infância para o futuro da saúde mental do ser humano que ganha significado a afirmação Santiana que foi escolhida pelos seus discípulos, colegas e amigos, eu também lá estava para ficar gravada na pedra do Busto no Jardim das amoreiras podem lá ir, desde 2005, ergueram em sua homenagem, no Jardim das Amoreiras, em Lisboa: «*Cada Homem guarda um segredo. «O Segredo do Homem é a própria Infância».*

Uma conclusão:

A rutura epistemológica que João dos Santos faz na Saúde Mental Infantil e *o novo paradigma científico de conectividade* que cria a partir dessa *ruptura* constituiu-se num sólido alicerce para pensar e desenvolver, com cada vez mais eficácia e profundidade a Saúde Mental e a Educação da criança, do adolescente e do adulto. Com um rigor conceptual, teórico, metodológico e prático notáveis, a obra escrita de João dos Santos e o seu ensino, testemunhado por quem dele pôde beneficiar, admira pelo humanismo que lhe imprime e pelo estilo poético em que sempre o tece. João dos Santos é importante tem uma escrita muito poética. O que não admira por ser a criança que está no seu centro do seu pensamento e Obra, *criança* que, segundo gosta de lembrar, *é criativa por excelência por se estar a criar*, e porque ninguém melhor que ela se compara aos poetas e aos génios. João dos Santos diz que a nossa saúde mental esta em nunca termos perdido a criança que habita dentro de nós. Na aliança entre saúde mental e educação pensada à luz de *um paradigma de conectividade centrado na criança*, encontro a novidade e a profundidade da obra Santiana. Obra que introduziu em Portugal a Psiquiatria Infantil moderna e, a partir dela e nela assente, indicações preciosas para uma visão renovada da Psiquiatria Geral. Por Obra tão notável, construída no apelo constante à sua crítica e ultrapassagem, João dos Santos pode ser justamente considerado um autor fundador, contemporâneo no século XXI e em qualquer época. E assim terminou.

“QUADRO TEMÁTICO”

1.Dados Pessoais

- 1.1 Interesses
- 1.2 Formação Académica e Percurso
- 1.3 Contacto com a Obra de João dos Santos

2. João dos Santos

- 2. 1) *Problemática da criança*
- 2. 2) Deficiência
- 2. 3) Relação entre Mãe e Bebê
- 2.4) Novo Paradigma da Saúde Mental

3.Revolução da saúde mental infantil em Portugal:

- 3. 1) Rutura Epistemológica
- 3. 2) Intencionalidade Pedagógica